

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

ANNO I

DESTERRO, 10 DE NOVEMBRO DE 1867.

N. 7.

A ESPERANÇA.

A' Perfectibilidade.

L'homme digne d'être écouté est celui qui ne se sert de la parole que pour la pensée, et de la pensée que pour la vérité et la vertu.

FÉNÉLON.

A' perfectibilidade. — E' a nota do talento para o futuro. E' o brado de sciencia para o progresso.

— Grito da intelligencia, e que devera jamais se perder no espaço, é aquelle canto um dos échos mais distinctos do conhecimento do homem, e reflecte a voz sublime da vontade na applicação e no dever.

O destino da humanidade em toda a sua grandeza allí se encerra n'aquelle som tão elevado.

O sublime, o poetico, e tudo que existe de mais nobre, e arrebatá quantos ouvidos o escutão, e prende e domina todos os espiritos — se acha igualmente n'essa expressão quasi divina que devemos jamais perder da memoria, e abandoná-la como tem acontecido entre nós mais de uma vez.

O mundo que admiramos nas suas scenas maiores da natureza, sempre poetica e magestosa com o brilho do dia n'uma madrugada cheia de encantos, ou na aurora feliz com seus vestidos de diamantes — é um incentivo, e talvez o maior para nos levar á grande obra da perfectibilidade, que aspiramos, porque moços ainda com a distracção no espirito, e não podendo nos entregar á grandes reflexões — vemos aquellas scenas, e da sua vista nos engrandecemos e experimentamos os vãos da nossa intelligencia.

Somos avesinhas que começamos os primeiros adejos, e de quando em quando nos

abalancamos até uma altura do nosso caminho á vermos se podemos subir.

E' á natureza que devemos pedir o desenvolvimento que necessitamos, só á ella em primeiro lugar mandemos a nossa attenção, porque tudo que ha de maior e mais excellente, e diz respeito á virtude e a verdade, tem allí a sua imagem sempre formosa.

A pureza e a suavidade que encerram as suas maravilhas vem passar em nosso espirito, e ornal-o de verdadeiros principios.

A natureza é o theatro das scenas que admiramos, e o livro aberto da intelligencia para os seus ensaios.

A' perfectibilidade. — Tem sido o écho que nos echá sempre, quando pensamos no futuro, e queremos com o pouco que possuímos trabalhar para o progresso; porém se uns nós animam, e parecem se alegrar com a nossa idéa outros são indifferentes, e a indiferença mata como venenosa que é.

E no entanto é lastimoso, é de muita vergonha para nós, e para todos não se procurar os meios para a perfeição.

O écho da intelligencia, o canto da razão em face dos erros que afeiam a sociedade — á perfectibilidade — voz sublime do conhecimento do homem, está escripto em todos os lugares, e com tanta clareza como a verdade da existencia increada, que publicam todas as obras.

O nosso espirito tem a excellencia da quasi Divindade, e constituido na terra como guardador do direito, e da justiça, deve se olhar e comprehender a sua missão.

O brado que fazemos ouvir não é outra cousa senão o convite do homem para o homem, e da intelligencia para a intelligencia.

E' o contrario do que tem sido erguido tacitamente pelos homens de máu coração.

Trabalhemos, e a luz que nos falta agora, e tão difficil se tem tornado a sua procura, um dia nos hade allumiar, e então sob o



seu encanto, nós os trabalhadores de hoje descansaremos cobertos de tranquilidade, porque sem duvida seremos satisfeitos.

Silcio.

DISCURSO PROFERIDO POR OCCASIÃO DA INSTALAÇÃO DA SOCIEDADE AMOR ÀS LETTRAS, EM 7 DE SETEMBRO DE 1867.

Senhores. — E' cheio de jubilo, e como o peito transbordando de puro entusiasmo, que hoje me animo, eu, o menos favorecido dos apreciaveis dons da Inopla Minerva, á fazer ouvir minha debil voz n'este recinto, occupando por algum tempo a vossa attenção com um mesquinho fructo de minha intelligencia. Se muitos erros, como é de esperar, encontrardes n'elle, desculpai-os; pois quando emprendi este trabalho não tive outro pensamento senão o de mostrar minha satisfação pela creação, o installação da sociedade — Amor ás Lettras — de que sou humilde membro. Assim exposto o assumpto de meu discurso, eu principio.

Quando outr'ora o Imperio de Santa Cruz, sob o jugo escravizador dos antigos Lusitanos, tentou pôr fim ás despoticas arbitrariedades por estes praticadas no decurso de tres seculos; quando immersos nas trevas da ignorancia, esquecidos vivião os brasileiros, quaes vís escravos, obedecendo cegamente as ordens de impio, e cruel tyranno; quando milhares de varões illustres, já por seu saber, já por suas virtudes, em cujos peitos ardia o fogo do santo amor da liberdade, subião ao patibulo, quaes infames assassinos, e o seu sangue regava este sólo abençoado; foi n'esse tempo, Senhores, no dia 7 de Setembro de 1822, que, nas margens do Ipyranza, um brado heroico, e atroador, partido do peito do mais generoso dos monarchas, o muito excelso, e sempre lembrado D. Pedro I, echoando por todos os angulos d'esta vasta região, veio despertar esta immensa familia do lethal abatimento, em que azia, e quebrar o jugo da escravidão, e da ignorancia, que a tiranisava.

Dahi, o progresso, as sciencias, as artes, as vias ferreas, a civilisação.

Desde então vio se a litteratura no Brazil augmentar-se extraordinariamente; era infinito o numero dos prosadores, ao passo que multiplicavão-se os poetas. Quarenta e cinco annos completão hoje, que teve lugar a nossa emancipação politica, e o Brazil, n'este cur-

to espaço de tempo, nos apresenta nomes illustres de sabios varões que se distinguirão na carreira das lettras.

Entre muitos outros poetas modernos, Alvares d'Azevedo, o sublime auctor da — Noite na Taverna —; o mavioso Casimiro d'Abreu; o sabio Dr. Magalhães; A. Gonçalves Dias, são nomes que honrão, e ornão a litteratura patria.

Não obstante, porem, reconhecemos que hoje a litteratura no Brazil não está tão adelantada quanto deveria estar. E porque isto succede?

Pela falta de associações litterarias, meio mui necessario, e quasi unico para o desenvolvimento intellectual dos que se dedicão ás lettras.

Assim, pois, hoje que formámos nossa sociedade, depois de termos luctado com as maiores difficuldades, removendo o grande penedo, que se nos apresentava na estrada, caminhemos impassiveis na senda do progresso, e da civilisação, e conservemos sempre essa união fraterna, que entre nós hoje reina, para que possamos um dia apresentar o fructo de nossos afadigados trabalhos. Disse.

F. Paulino.

Marilia!

Marilia formosa, tu sabes acaso que inteiros são esses que chamam-se amores? Tu sabes que prancos requeimam do peito, ferventes, amargos, que orvalham as chagas dorosas, profundas? Tu sabes que noites de insomnias, de trevas, se volvem a custo, pesadas, infindas, quando incha e dilata-se o peito arquejante? Tu sabes que dores na fronte orvalhada de frios sudores latejam, refervem, estalam, pullulam?...

Formosa, formosa feliz, que o não sabes, não queiras saber-o, formosa, formosa!...

A's vezes, mas raro, succede o contrario, e as noites horriveis de insomnia e de prancos se tornam felizes, e rapidas passam... O peito palpita não já de descrença, não já de infortunio, mas sim da ventura celeste, ineffavel, que em sonhos o embala de incantos, de vida... E a alma, que anhela de mil pensamentos, parece do corpo fugir apressada, e em doces effluvios de arcana harmonia, subir, elevar-se tão alto, tão alto; que chega até Deus!...

Oh! sonhos formosos, oh! dicta indizível, Marilia, Marilia! Oh! seja sómente por esses

anhelos que o seio te-pulse, que a vida te-incante, que a alma de virgem de inleios te-anime, e em meigas delicias e ethereos perfumes se eleve até Deus!

E assim nos meus dias de magua e de pranto, c'o peito votado ao martyrio da vida, ver-te-hei venturosa... e a Deus elevando meus olhos, minh'alma, direi — sou contente, contente, meu Deus; embora meu peito pungido, ulcerado, fel negro transude... meu Deus, sou contente!... —

Intão inclinando p'r'a terra esta fronte, que me arde e requeima de amores violentos por ti inspirados, serei insensivel aos gosos, ás dores, aos prantos, aos risos, formosa, formosa!...

Eduardo Nunesio.



Delirio e Sonho

A' B...

Em doces scismas eu te vi, oh fada,
Envolta em nuvens eu te vi amor!
Meu Deus, que sonho! que fatal momento!
Que intensa vida, que febril ardor!

Em sonhos vi-te, seductora imagem
Cantar meus threnos de pezar e dôr!...
Depois na salla com prazer walsando
Sem te importares do sentido amor!

E vi-te bella... não te lembras virgem?
Minha alma logo se abraçou de amor!
E vi-te... e vi-te... que afflicção no peito!
Que fogo n'alma, que tristeza e dôr!

Meu Deus, que sorte! que scismar d'amores
Tão cedo, joven no calor da vida;
Lá vão tres annos que supporto magoas
Férvidas magoas d'affeição mentida!

Meu Deus, que noite! que fatal momento!
Scismo na sorte, na illusão d'amores...
Ali! já não posso supportar taes magoas,
E quero vida, quero paz e flores!

Triste de mim! amargurados prantos
Banhão-me a face n'este chão de dôres!
Ah! quanto é triste no calor da vida,
Candida virgem, supportar—amôres!

Banhão-me a face amargurados prantos
Prantos e dôres de martyrios lentos...
Eu quero as horas me lembrar da infancia,
D'outr'ora, virge, em que gozei alentos.

Banhão-me a face amargurados prantos,
Que lenta vida, que tristeza n'alma!

Eu quero as horas recordar da infancia
Bellas lembranças com prazer e calma!

Martins Costa.



AMOR.

O. D. C.

à

A. P. S.

A doce brisa, que, ao passar, agita
As pet'las ténues da cheirosa flor,
Não é mais terna, mais divina e santa
Que a doce chamma de meu puro amor.

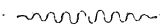
No vôo incerto da andorinha esquiva
Mil provas leio de eternal amor:
Amor, enleios, mil venturas, gosos
Eu leio sempre no sorrir da flor.

Eu leio amor na susurrante fonte,
Nos prados cheios de gentil verdor;
Eu leio amores no arrular da pomba,
No rir do infante tambem leio amor...

Amor no rio, que lá rúe fremente,
E na cascata, que nos dá frescor,
Amor nos prados, no fragor das ondas,
Na voz dos mares eu diviso amor....

Amor tradizo no gemer do enfermo,
Amor eu leio no chorar da flôr:
No teu sorriso, oh! minha Anninha q'rida,
As provas leio de constante amor!....

Gustavo Henrique.



Marilla.

Escuta, donzella, escuta.
Um conto, conto de—amôr,
Que vem hoje relatar-te,
Teu humilde trovador.

E'ra n'um dia de Maio,
D'amôres mez prazenteiro:
Já ha muito tinham soado,
Quatro horas, no mosteiro.

Raiando, pois, a aurora
Já vinha com alegria,
Espargindo, sobre os busques,
Prazeres, doce magia.

Quando vi, oh! sim, pouzar-se,
De linda flôr n'um raminho,

Sensível, meigo e saudozo,
Um mimozo colleirinho.

O qual, depois de as flôres,
Por longo tempo fitar,
Olhou, olhou para o céu,
E começou a cantar....

Corri então á uma pedra :
N'ella me fui assentar
Para o trinar do colleiro
Poder bem apreciar.

Ah ! erão tão merencorias,
As vozes do bom cantor,
Que fizêrão me saltar,
Um gêmido, um ai ! de dôr....

Depois de saudar a aurora,
Seu meigo canto findou;
E, dando no ramo, um beijo,
Bateu azas e vôou....

Nos prelúdios de seu canto,
O volátil carpidôr,
Fallou, querida donzella,
Fallou, por Deus ! em —amôr.

Sem duvida, o pobrezinho,
Soffrendo penas de —amôr,
Pedio ao céu que lhe desse
Allivio p'ra sua dôr....

E assim como, ao céu allivio,
Implorou o coitadinho
Amante cantor dos bosques,
Desditzo colleirinho;

Assim eu também agora,
Oh ! minha gentil deidade,
Te peço, peço que tenhas
De mim sempre piedade.

Attende, bella Marilia,
A's vozes do trovador,
Que t'implora, reverente,
Um rizo, um rizo de —amôr !

Um teu olhar, um sorrizo,
Meu anjo de castidade,
Me dará vida e alento,
E também felicidade.

E, pois, não negues, ao bardo,
Teu —amôr. — Por piedade
Soccorre o meu coração,
Que, por nóma e por brazão,
Sempre teve a —lealdade.

Desterro. — 1867.

Ol. C.

Sem título.

Eu amo o sol, que dardejando raios
A terra abraza com lethal calor:
Tambem o vento, que soprando rijo
Decepa o talo da tenrinha flôr !....

Eu amo a bulha do cahir de corpos
Nas salsas agoas d'espacoso mar....
Amo a borrasca, o sibylante vento,
Amo d'enfermo o doloroso arfar !...

Eu amo o pranto amargurado e triste
D'uma orphãsinha sem irmão, nem pai !....
Eu amo o riso de lascivia cheio
De pobre môça que em deshonra cai !....

Eu amo o fogo a devastar as casas
D'esses fidalgos, que orgulhoso vão,
Sem dó dos pobres, massacrando a todos
Calcando á todos a seus pés no chão !

Eu amo o pranto que a desgraça mostra !
Amo do louco o tenebroso rir !
Amo o sorriso de gentil donzella,
Que na deshonra já lá vai cahir !

Eu amo o pranto amargurado e triste
Do pobre enfermo, que já vai morrer !
Amo o delirio d'amoroso vate,
Que busca amor e não o pôde obter !

Gustavo Henrique.



Serei fiel.

(IMITAÇÃO.)

Quando o sol espargindo seus raios
As montanhas tão verdes dourar,
Não t'esqueças, Anninha, do bardo,
Que jámais deixará de te amar.

Quando o sol se occultando nos montes
As campinas em trevas deixar,
Não t'esqueças, Anninha, do bardo,
Que jámais deixará de te amar,

Quando a lua surgindo dos montes
Os ribeiros já for pratear,
Não t'esqueças, Anninha, do bardo,
Que jámais deixará de te amar.

Não t'esqueças, que amor sem limites
Elle jura á ti só consagrar:
Não t'esqueças, Anninha, do bardo,
Que jámais deixará de te amar.

Gustavo Henrique.